E-LETRAS COM VIDA — N.º 2 JANEIRO/JUNHO DE 2019: pp. 178-187

Elogios da Razão: Erasmo e a paz incondicional

Praise of Reason: Erasmus and Unconditional Peace

Fernando Marques[1]

Resumo: Erasmo de Roterdão (c. 1466-1536) foi uma das mais importantes figuras do movimento humanista da Europa da primeira metade do século XVI. Em *Elogio da loucura* (1511), *A guerra* e *Queixa da paz* (ambas de 1517), o autor holandês aborda o tema da guerra, mostrando os confrontos armados como absurdos, irracionais e fazendo uma defesa incondicional da resolução negociada dos conflitos. A franqueza, a veemência e, no caso do *Elogio*, o humor não fazem concessões aos poderes de seu tempo. Nobres, sacerdotes e intelectuais são igualmente criticados. Ao condenar enfaticamente as guerras, o escritor, tradutor e teólogo ocupa um lugar único na sua época e revela-se um precursor das democracias modernas. A ideia de Deus perfilhada pelo autor também será abordada.

Palavras-Chaves: Literatura; humanismo; pacifismo; crítica política.

Abstract: Erasmus of Rotterdam (*circa* 1466-1536) was one of the most important figures of the humanistic movement of Europe in the first half of the sixteenth century. In *Praise of folly* (1511), *The war* and *Complaint of peace* (both of 1517), the Dutch author addresses the subject of war, showing armed clashes as absurd, irrational, and making an unconditional defense of the negotiated resolution of conflicts. Frankness, vehemence and, in the case of *Praise*, humor do not make concessions to the powers of his time. Nobles, priests and intellectuals are equally criticized. By emphatically condemning wars, the writer, translator and theologian occupies a unique place in his time and is the forerunner of modern democracies. The author's idea of God will also be addressed.

Keywords: Literature; humanism; pacifism; political criticism.

[1] Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Tendências diversas, quando não contraditórias, integram o movimento humanista. Identificado à voga da Renascença, marcada pela inquietação intelectual, o movimento oscilaria entre atitudes renovadoras e reacionárias; lembre-se que tampouco teve origem ou viés popular, assemelhando-se antes a uma «aristocracia de letrados». A sua atuação, porém, quando se exerceu com autonomia, mostrou-se fundamental para que se delineasse a mentalidade moderna a partir do século XVI.

Vamos comentar três obras de Erasmo de Roterdão (c. 1466-1536), o mais influente representante, em Quinhentos, daquele humanismo independente e inovador. Abordaremos textos que condenam os conflitos violentos com veemência e, no caso do primeiro deles, também com humor. As obras em pauta são *Elogio da loucura*, *A guerra* e *Queixa da paz*.

Escritor e teólogo holandês de expressão latina, Erasmo alcançou larga presença na cultura de seu tempo desde a publicação dos *Adágios*, coletânea de provérbios acompanhados por comentários que teve a primeira edição em 1500. *A guerra* procede do comentário a um daqueles adágios, que ensina: «A guerra é doce para quem não a experimentou».

1. Os textos

Elogio da loucura foi publicado pela primeira vez em 1511 e é hoje o título mais reeditado de Erasmo em português.[2] Já *A guerra* e *Queixa da paz* saíram ambas em 1517, há 500 anos redondos. E têm tido escassas edições em língua portuguesa, ou terão tido apenas uma publicação, de 1999, que reúne esses dois textos breves (Edições 70, Lisboa).[3]

O discurso em *A guerra* visa implicitamente um interlocutor que faz as vezes de um príncipe, alguém apto a tomar decisões quanto à guerra e à paz. Erasmo exorta o interlocutor a reconhecer que «a guerra é algo que se deve evitar por todos os meios».

Em *Queixa da paz*, o autor recorre à mesma fórmula usada no *Elogio*: humaniza a figura da Paz, fazendo com que discurse para o leitor, como procedera com a da Loucura. A personagem discorre sobre o pendor mórbido que os homens têm para a guerra, enu-

[2] Lemos o *Elogio* na tradução de Maria Ermantina Galvão, em edição da Martins Fontes de 2004. O livro traz prefácio de Pierre de Nolhac, tradutor da obra para o francês, idioma a partir do qual se fez essa versão para o português. O volume conta ainda com carta de Erasmo a Dorpius (rebatendo críticas feitas por este), além de 684 copiosas notas, devidas a Nolhac. A tradução do *Elogio*, publicada 20 anos antes pela Abril, na coleção Os Pensadores, é de Paulo M. Oliveira e vem acompanhada por *A utopia*, de Thomas More. Os textos introdutórios do volume devem-se a José Américo Motta Pessanha. Utilizamos a edição de 2004, na qual as secções estão numeradas: são 68 secções.

[3] Entre os títulos imediatamente acessíveis, além dos citados, temos de Erasmo o *Diálogo ciceroniano*. Acerca do autor, localizámos *De re erasmiana: Aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI* e *Três ensaios sobre Erasmo*, ambos de Artur Moreira de Sá; além das conferências reunidas em *Erasmo, a Renascença e o humanismo*, de Ivan Lins.

merando os motivos que os levam a optar pelas soluções violentas.

2. Fala a Loucura

Podemos abordar as seguintes passagens, privilegiando o tema da guerra — contra a qual Erasmo já se bate aqui, para depois torná-la assunto principal nos dois outros textos. Falaremos também sobre os conteúdos religiosos no *Elogio da loucura*.

A atitude do intelectual em face das batalhas aparece na secção XXIII:

> Poderão dizer que na guerra a inteligência é de muitíssima valia. Para o chefe, concordo; ainda assim, é a inteligência de um soldado, não a de um filósofo. A nobre guerra é feita por parasitas, alcoviteiros, ladrões, bandidos, brutos, imbecis, devedores insolventes, em suma, pela escória da sociedade, e de modo algum pelos filósofos que velam sob sua lâmpada. (pp. 25-26)

A figura do humanista dedicado aos livros e não aos aspetos práticos ou mecânicos da vida é comentada por António José Saraiva, que aponta os limites de homens com esse perfil — sem deixar de reconhecer as suas qualidades. O historiador afirma que «esta aristocracia de letrados herdou uma característica essencial da universidade medieval: a sua preparação exclusivamente livresca» (2000: 49).

Em contraste, Erasmo, nessa passagem, parece exaltar a condição do estudioso, comparando-a sobranceiro à dos que fazem a guerra, estes causticamente vistos como «parasitas» e «imbecis». Ele define-se socialmente, distinguindo-se a si próprio e os seus pares daqueles que promovem os conflitos de sangue.

A personagem discorre sobre príncipes, papas, cardeais nas seções LV a LX. São figuras de poder, que as falas da Loucura não poupam:

> Imaginai agora o Príncipe tal como é frequentemente. Ignora as leis, é bastante hostil ao bem comum, pois só tem em vista o seu; entrega-se aos prazeres, odeia o saber, a independência e a verdade, escarnece do interesse público e não tem outras regras além de suas cobiças e seu egoísmo (p. 82).

O retrato que a personagem faz dos pontífices mostra-se tão ou mais duro que esse. Retorna ao tema da guerra propriamente dita quando afirma, em modo de conclusão:

> A guerra é coisa tão feroz que é feita para os animais e não para os homens; é uma demência enviada pelas Fúrias, segundo a ficção dos poetas, uma peste que destrói os costumes por onde quer que passe, uma injustiça, já que os piores bandidos são habitualmente os melhores guerreiros, uma impiedade que nada tem em comum com Cristo. Os Papas, entretanto,

> negligenciam tudo para dela fazer sua ocupação principal. (p. 87)

Erasmo deixa patente a sua crítica aos que fazem a guerra. Nas últimas páginas, fala sobre duas espécies de comportamento, contrapondo as atitudes espirituais aos apetites meramente físicos. Estes últimos seriam mais propícios às situações belicosas. Erasmo apresenta, nesse passo, as noções de Deus e de alma como verdades dadas de antemão. Podemos discuti-las.

A ideia de Deus, de um ponto de vista estritamente racional, reside no terreno das hipóteses — uma hipótese que, embora magnífica, permanece como tal, pois não se pode comprová-la ou refutá-la. Da mesma forma, parece arbitrário sustentar a existência de uma alma nos seres humanos, que se comportaria como independente do corpo, pois dele se poderia separar no momento da morte desse corpo. Questões que remontam a Epicuro (341-270 a. C.), a Platão (427-347 a. C.) ou aos pré-socráticos.[4]

Visamos compreender a herança erasmiana de um ponto de vista laico. Isto é, concordamos com o autor quanto à estupidez das guerras, avessas ao interesse humano, indiferentes às pessoas — sem que para tanto precisemos invocar a divindade, como ele o faz. Compreende-se a necessidade, naquele contexto, de buscar reforço no prestígio da religião; mas não a de fazê-lo hoje.

O próprio Erasmo parece paradoxalmente apoiar-nos se voltarmos algumas páginas para reler o que diz, com espírito, na seção XXX, na qual discute paixão e razão. Ele, àquela altura, satiriza os que imaginam poder extirpar as paixões de sua vida — quando se nota o reconhecimento bem-humorado de que o corpo e a alma dialogam ou de que simplesmente são, afinal, uma e a mesma coisa.[5]

[4] Bertrand Russell resume as ideias do grego Epicuro sobre a alma: «Quanto à alma, trata-se simplesmente de um tipo especial de matéria, cujas partículas estão misturadas com os átomos constituintes do corpo. A sensação é explicada como sendo o choque de emanações procedentes dos objetos contra os átomos da alma. Quando a morte sobrevém, os átomos da alma perdem o seu vínculo com o corpo e se espalham, sobrevivendo como átomos, porém não mais capazes de sensação. Nesse sentido, Epicuro mostra que o temor da morte é irracional, porque a morte em si mesma não é algo que possamos experimentar» (2015: 141). Ver também Epicuro (2009).

[5] Nos *Colóquios*, publicados a partir de 1516, Erasmo tende para opiniões materialistas, segundo se constata nesta fala (do diálogo «A parturiente») sobre o lugar da alma no corpo: os indivíduos podem conservar as funções anímicas mesmo quando perdem pés ou mãos, mas «quem recebe uma pancada nas fontes ou na nuca, cai como morto e fica absolutamente insensível. Donde claramente se deduz que os órgãos da compreensão, da vontade e da memória se alojam no interior do crânio, menos grosseiros sem dúvida do que os ouvidos e os olhos, mas sempre materiais, de vez que os fluidos mais sutis do corpo nem por isto deixam de ser materiais». Ou quando se compara o ser humano a outros animais: «Se a alma do homem age diversamente da do besouro, é a matéria que o motiva. O besouro só não fala ou canta por não dispor de órgãos apropriados» (Erasmo *apud* Lins, 1967: 197). O volume com os *Colóquios* foi proibido na França, em 1528, tendo os exemplares sido queimados; os livreiros foram impedidos de comercia-

De modo análogo, à maneira imanente do filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600), poderíamos identificar a ideia de Deus no universo material, universo a que a divindade dá movimento, a que a divindade confere alma — e com o qual, em última análise, coincide. Noutras palavras, o criador aloja-se nas criaturas, não é anterior nem exterior a elas.[6]

No Renascimento, escreve Saraiva, sobressai:

> [...] uma tendência geral cuja ponta está orientada para o futuro: a tendência para o imanentismo, isto é, para uma conceção do universo como um todo único que se explica por si mesmo — em contraste com o transcendentalismo medieval, que vê na realidade aparências movidas por algo que lhes é exterior. (2000: 49)

Esse futuro começa a tomar forma com Erasmo, em sua independência intelectual e moral, expressa na denúncia das guerras e das fraudes ideológicas; encarna-se em Giordano Bruno, morto na fogueira por heresia em 1600; e já no século XVII alcança o astrónomo Galileu Galilei (1564-1642), que vem a confirmar as proposições de Nicolau Copérnico (1473-1543), agora auxiliado por telescópios. Galileu perguntará em 1613: «Quem deseja pôr limite aos engenhos humanos?».[7]

Temos aqui a tendência à emancipação do humano em relação a qualquer tutela sobrenatural, tendência prenunciada por Erasmo com as suas lições de liberdade.

Se muda a velha imagem de cosmo da qual as crenças cristãs, na Idade Média, foram contemporâneas, seria de esperar que, com a imagem do universo, mudassem também as velhas crenças medievais, desde o século XVI e, sobretudo, neste século XXI.

A fratura cognitiva que ainda agora o mundo sofre — polarizado entre fé e razão, alma e corpo, divindade e cosmo — relaciona-se a esse impasse e tem origem naquele período. Aceitação da finitude, emancipação do humano: estas podem ser as chaves.

3. *A guerra* e *Queixa da paz*

A guerra origina-se no comentário feito por Erasmo a um dos *Adágios*. O provérbio continha a expressão «doce guerra»: «A guerra é doce para quem não a experimentou», e a

lizar a obra «sob pena da vida», diz o português Diogo de Gouveia, diretor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, em carta a D. João III (Moreira de Sá, 1977: 20).

[6] Retomo aqui a uma nota feita para outro artigo: a visão de Bruno era a de um universo infinito, onde haveria mundos inumeráveis e não apenas o sistema planetário que habitamos, centrado na Terra, conforme pensava o modelo arcaico de Aristóteles e Ptolomeu, referendado pela Igreja. Ele divisava ainda uma espécie de alma do universo, responsável por sua unidade, alma que estaria presente em todos os corpos, inclusive nos seres humanos. Não nega Deus, mas amplia imensuravelmente a ideia de divindade; para ele, Deus não é anterior nem exterior aos seres e às coisas, não as transcende, mas é imanente a elas; o criador mora nas criaturas.

[7] «Carta a Dom Benedetto Castelli», de 21/12/1613 (Galilei: 17-26).

glosa a esse mote ampliou-se até se transformar num pequeno livro autónomo.

Queixa da paz foi composta em 1516, quando de «uma conferência que reuniria os maiores príncipes do mundo», disse Erasmo. «As coisas de facto encaminharam-se de tal sorte que teria sido mais acertado escrever *O epitáfio da paz*, pois não restam quaisquer esperanças de que ela possa escapar com vida».

O tradutor Guimarães Pinto fala sobre a receção a Erasmo em Portugal e sobre a resistência póstuma à sua obra:

> Sem pretendermos negar a mais ou menos evidente influência do roterdamês sobre algumas figuras de primeira linha do nosso quinhentismo literário — pensamos sobretudo em João de Barros, André de Resende e Damião de Góis —, parece-nos que aquele que então se pode considerar como o nosso escol intelectual partilha de uma quase unanimidade no repúdio pelas posturas religiosa e moral que configuram [...] o pensamento de Erasmo (1999: 15).

O tradutor observa ainda, quanto à defesa incondicional da paz sustentada pelo humanista:

> Depois da morte de Erasmo, em 1536, e antes de o *Index* de Paulo IV proibir as suas obras em 1559, vamos encontrar em Jerónimo Osório uma mostra do espírito avesso com que uma das nossas personalidades quinhentistas mais culturalmente representativas olhou um dos aspetos mais representativos e inovadores do pensamento de Erasmo: o irenismo.

Ou seja, a adesão irrestrita à resolução negociada dos conflitos.

Jerónimo Osório ataca «o raciocínio daqueles que cobriram de maldições toda a sorte de milícia, apodando-a de atividade ímpia e pecaminosa, em contradição com os preceitos de Cristo»[8], a exemplo do que fizera o autor do *Elogio* (Erasmo, 1999: 16). Para Osório, era possível ser cristão e belicoso, fraterno e feroz, tolerante e violento ao mesmo tempo, sem contradição.

4. *A guerra*

O libelo pode ser visto como um monólogo em que o destinatário seria um príncipe com poderes para decidir quanto às guerras. Envolve três linhas de raciocínio especialmente importantes, entre outras que se possam identificar.

A primeira delas corresponde à antítese que Erasmo estabelece entre a fragilidade dos corpos humanos e a brutalidade demencial das batalhas. Outra linha de argumentos reside na tentativa de localizar, na história da espécie, a génese das atitudes belicosas. Se nem sempre estivemos metidos em guerras, quando e por que motivos elas começaram?

[8] Palavras citadas por Guimarães Pinto no prefácio à sua tradução de *A guerra* e *Queixa da paz*. Procedem de *Tratados da nobreza civil e cristã*, de Jerónimo Osório, livro que ele também trouxe para o português.

Por fim, apela aos cristãos para que retornem às fontes limpas, que atuem mirando-se no espelho ético de Cristo.

Visando estabelecer o contraste, esboça uma genealogia da espécie ao reparar na fragilidade das crianças, evidente na dependência dos pequenos seres humanos em relação a seus pais. Lembra ainda que, ao contrário do que se dá com os grandes felinos e répteis, o nosso corpo conta com escassas defesas.

Tudo em nós se quebra, fere, sangra facilmente: faltam-nos couro espesso, presas, garras. Ou, comparados aos animais leves, não dispomos de asas nem somos capazes dos movimentos ágeis com que pássaros e pequenos mamíferos saltam para fugir aos ataques. Erasmo argumenta:

> Ora, antes de mais, se alguém considera tão só a aparência e forma do corpo humano, porventura não se dará imediatamente conta de que a natureza, ou antes, Deus, criou este animal não para a guerra, mas para a amizade, não para a carnificina, mas para a salvação, não para a injustiça, mas para a benevolência? (p. 27)

Possuímos linguagem e consciência, «que sobremaneira servem [...] para que absolutamente nada entre os homens se resolva através da força», diz ele. E indaga: «que existe de mais deleitável que um amigo?».

O autor vê o homem como criatura vocacionada para o bem. A seguir, fala da guerra, o outro termo da antítese, durante a qual se verificam «a gritaria tresloucada, o arremeter furioso, as ferozes cutiladas, as cruéis alternativas de sorte dos que tombam e dos que matam, os mortos amontoados, [...] os rios tintos com o sangue dos homens» (p. 30).

Lembra que os animais não fazem guerra contra os do mesmo grupo; os seres humanos, sim, «que tragédias [...] fazemos nascer de motivos tão fúteis». Diante de tamanho contraste — entre uma natureza supostamente vocacionada para o bem, mas corruptível, e os resultados da corrupção — vale investigar as causas do abismo.

Os homens primitivos viviam nas florestas, nus, desprovidos de teto, e acontecia serem atacados por feras. A guerra se empreendeu primeiramente contra esses inimigos: «Os primeiros homicídios e as primeiras presas foram estas».

Em seguida, os indivíduos passam a brigar entre si. Os combates no início eram de homem contra homem, e matar alguém pernicioso para a coletividade passou a ser motivo de elogio. Nascem os heróis; são libertadores, benfeitores de sua comunidade. A guerra aos poucos aperfeiçoa-se, transformando-se em algo mais e mais eficiente.

Adiante, os conflitos entre indivíduos ou entre indivíduo e comunidade ganham a dimensão

de confrontos entre grupos ou povos, mantendo-se o recurso à força na resolução das diferenças. Tem início a luta por poder e lucro: «Daqui nasceram os impérios, dos quais não existiu jamais algum que não tivesse sido adquirido mediante muito sangue do género humano» (p. 39).

Em síntese, os ataques contra os animais evoluem para a luta de morte entre homens e, depois, para a violência entre estes em larga escala: «Ora, que outra coisa é a guerra, senão um homicídio e latrocínio generalizados, tanto mais abomináveis quanto mais estendidos se mostram? Mas disto zombam, como se se tratasse de extravagâncias de escolásticos, os toscos Senhores da nossa época» (pp. 39-40).

Este será, sumariamente indicado, o desenvolvimento dado ao segundo argumento, pelo qual a necessidade — ou eventualmente o simples capricho — levou a práticas violentas; essas práticas, com o tempo, incorporaram-se nos costumes, na rotina política das sociedades. O último dos três argumentos, de ordem ética, anima-nos a superar a herança medonha.

Erasmo é paladino de uma pureza de doutrina e de prática que o identifica aos que desejam a renovação da Igreja; nele, isto dá-se por uma atenção radical às fontes idealmente despoluídas, às origens do credo e das atitudes cristãs.

A lucidez leva-o a interrogar a humanidade presente, ou ausente, nas conversões forçadas que se seguem às invasões de território violentas. Não se converte ninguém por coação: «É um mal menor ser às abertas turco ou judeu, do que ser um cristão hipócrita» (p. 70).

O aspeto novo em Erasmo advém, reiteramos, do ideal de completa coerência. Ele admite que a sua condenação da guerra aos turcos não é incondicional, «se eles de moto próprio nos atacarem». Mas reafirma: «Acima de tudo, exijamos deles aquelas coisas que nos foram claramente transmitidas pelas [...] Escrituras». Pois «quase todas as guerras dos cristãos nasceram ou da demência ou da perversidade» (pp. 71, 72).

Cita as virtudes essencialmente cristãs: a inocência, a caridade, a paciência. Pratiquemos atos definidos e efetivos, pede ele, sem nos limitarmos a simples intenções ou a simples palavras. Por aqui, acha-se uma pista para se chegar à sua polémica com Lutero, que opunha a graça divina ao livre-arbítrio; que opunha a graça de uma divindade caprichosa e enigmática à deliberação do fiel em agir de modo correto.

Erasmo diz: «Se reconhecemos a Cristo como mestre, o qual é caridade e não ensinou nem transmitiu outra coisa que não fosse caridade e paz: pois bem!, então imitemo-lo, não com títulos e insígnias, mas com ações e com a vida» (p. 76).

O escritor parece não ter tido descendentes, mesmo entre humanistas; não tão radicais quanto ele.

5. *A paz*

Queixa da paz foi composta com a finalidade de intervenção política. O autor, sob a máscara da Paz, apela às consciências em favor da harmonia entre as nações, visando o sossego e a segurança gerais.

A Paz simula a busca de um ambiente ideal, onde se sinta em casa. Vai aos sítios mais diversos para constatar: a guerra está por toda parte. Procura então refugiar-se «no peito de um único homem». Também no íntimo das pessoas, porém, os conflitos se instalam e produzem sofrimento. Nesse ponto, ao perguntar onde afinal haverá tranquilidade, chega a Cristo e a sua mensagem solidária.

Os turcos são vistos, nesse texto, como inimigos dos cristãos com mais ênfase do que nos precedentes. Mas também aqui Erasmo usa a imagem dos adversários da cristandade para interpelar os europeus: «em que é que vos diferençais dos turcos?» (p. 113).

Transposta a situação para o nosso tempo, cinco séculos depois, perguntaríamos: o que diferencia moralmente as forças militares norte-americanas, inglesas e francesas, ao bombardearem áreas onde vivem civis, dizimando-os sem piedade, sem que eles tenham qualquer chance de defesa, na Síria, na Líbia, no Iraque, no Afeganistão, dos terroristas que, perversos, atacam pessoas desavisadas e igualmente indefesas nas ruas de Nova Iorque, Londres, Paris? Do ponto de vista das vítimas, nada os diferencia. A nossa piedade não deveria ser seletiva, mas estender-se a todos os seres humanos atingidos pela violência.

A Paz convida os príncipes a meditarem sobre os confrontos, mostrando que, também para os eventuais vencedores, a guerra é sempre catastrófica. Não se planta segurança nem prosperidade com violência — truísmo que até hoje não se reconhece.

Precursor da democracia moderna, o humanista no final dirige o seu apelo não apenas aos poderosos, mas a todos os cristãos. Transpondo o apelo erasmiano para os dias atuais, valeria traduzir «cristãos» por eleitores: a estes cabe frear a guerra ao atuarem nas democracias contemporâneas, sejam elas jovens ou maduras, centenárias ou recentes.

Poderíamos parafrasear Erasmo e exortar: cientistas, vós que criais as condições para a fabricação das armas, não vos acovardeis: o velho Erasmo fala também convosco; políticos, escutai; eleitores, ouvi o apelo daquele pensador tão generoso quanto solitário, singular, que escreveu *Queixa da paz*, esse berro, há exatos 500 anos; frear as guerras, acabar com elas e plantar a paz é trabalho para todos, professores, estudantes, jornalistas, artistas, operários, empresários, policiais, soldados, sacerdotes, desempregados,

especuladores da Bolsa, moradores de rua, todos. E tanto mais quanto mais dinheiro e prestígio tenha cada um de vós. Escutai a mensagem de defesa incondicional da paz que nos vem de Desidério Erasmo!

Algo similar a estas palavras, acreditamos, seria dito pelo mestre se aqui estivesse agora.

Bibliografia

Bruno, G. (2016). *Acerca do infinito, do universo e dos mundos*. (Introd. de Victor Matos e Sá, trad. notas e bibliografia de Aura Montenegro). (7.ª ed.). Calouste Gulbenkian. Lisboa;

Epicuro (2009). *Cartas, máximas e sentenças*. (Introd. trad. e notas de Gabriela Baião). Sílabo. Lisboa;

Erasmo de Roterdão (1999). *A guerra e Queixa da paz*. (Introd. trad. e notas de A. Guimarães Pinto). Edições 70. Lisboa;

Erasmo de Rotterdam (2004). *Elogio da loucura*. (Trad. de Maria Ermentina Galvão). Martins Fontes. São Paulo;

Erasmo de Rotterdam (2013). *Diálogo ciceroniano*. (Trad. e pref. de Elaine C. Sartorelli). Unesp. São Paulo;

Galilei, G. (2009). *Ciência e fé: Cartas de Galileu sobre o acordo copernicano com a Bíblia*. (Org. e trad. de Carlos Arthur R. do Nascimento). (2.ª ed.). Unesp. São Paulo;

Lins, I. (1967). *Erasmo, a Renascença e o humanismo*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro;

Moreira de Sá, A. (1977). *De re erasmiana: Aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século* XVI. Faculdade de Filosofia. Braga;

Moreira de Sá, A. (1979). *Três ensaios sobre Erasmo*. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa;

Osório, J. (1996). *Tratados da nobreza civil e cristã*. (Trad., introd. e notas de A. Guimarães Pinto). Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa;

Russell, B. (2015). *História do pensamento ocidental*. (Trad. de Laura Alves e Aurélio Rebello). Nova Fronteira. Rio de Janeiro;

Saraiva, A.J. (2000). *História da cultura em Portugal. Vol. I. Renascimento e Contra-Reforma*. Gradiva. Lisboa.